

Senado quer voltar a ser palco dos debates

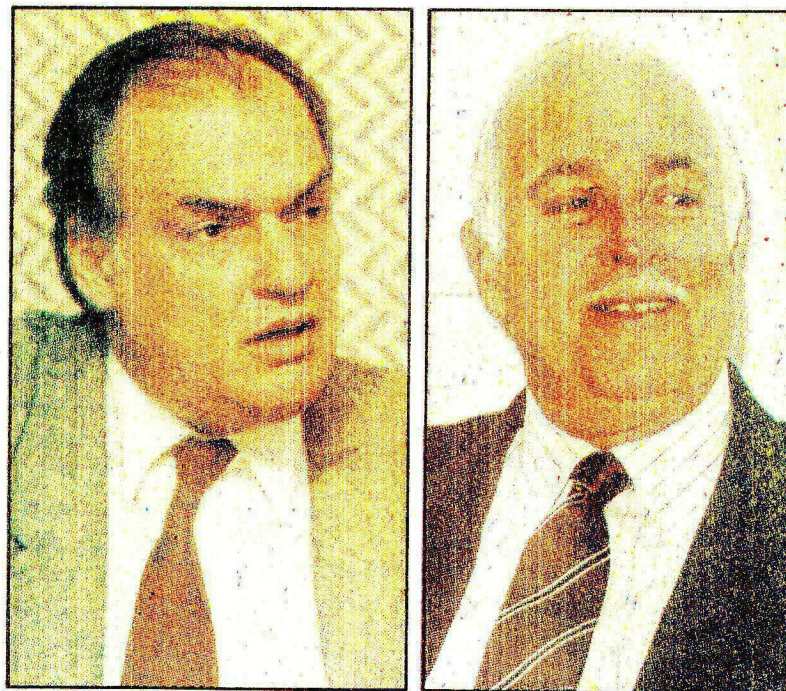
■ Provável eleição de 'feras' da política nacional, à direita e à esquerda, animam parlamentares que ainda têm 4 anos de mandato

CARMEN KOZAK

BRASÍLIA — A expectativa de uma renovação qualitativa no Senado, com a eleição de pesos-pesados da política nacional, está animando um grupo de senadores que ainda tem quatro anos de mandato pela frente a organizar um movimento de resgate da importância política da Casa. Auto-denominado *Novo Senado*, o grupo tem por objetivo criar um canal para o início das discussões das reformas constitucionais que devem ser defendidas pelo próximo presidente da República.

Entre os articuladores do movimento estão Pedro Simon (PMDB-RS), Josaphat Marinho (PFL-BA) e o ministro da Indústria e do Comércio, Elcio Álvares (PFL-ES), que reassume o mandato no início do ano que vem. Eles têm se reunido com frequência e não disfarçam a satisfação ao imaginar que o Senado — que nos últimos anos perdeu espaço para o dinamismo da Câmara dos Deputados — poderá voltar a ser o palco dos grandes debates nacionais. "O futuro Senado será, sem dúvida, muito mais receptivo às discussões de temas relevantes", aposta o atual ministro.

Com base nas pesquisas de intenção de voto, já se pode prever que presenças como a dos ex-governadores Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), Íris Rezende (PMDB-GO), Roberto Requião



Freire e ACM: futuros senadores que deverão esquentar os debates

(PMDB-PR), Vilson Kleinubing (PFL-SC), Jader Barbalho (PMDB-PA) e Francelino Pereira (PFL-MG) e as dos atuais deputados Roberto Freire (PPS-PE) e Benedita da Silva (PT-RJ) serão decisivas para apagar a imagem de lentidão e conservadorismo que marca o Senado, renovado parcialmente a cada quatro anos.

Dois terços — Nas eleições de 3 de outubro estarão em jogo 2/3 da composição atual, 54 vagas. "É preciso aproveitar esse momento para fazer com que o

Senado volte a cumprir o seu principal papel: debater os grandes temas nacionais", diz Pedro Simon (PMDB-RS).

Desde já, no entanto, os articuladores do *Novo Senado* querem que os 27 dos 81 senadores, que ainda têm quatro anos de mandato pela frente, firmem um compromisso para garantir quórum permanente. Isso permitiria, por exemplo, que, logo após as eleições de 3 de outubro, o Senado iniciasse a discussão das reformas constitucionais.

Ex-governadores entram na disputa

As eleições gerais atraíram um grande número de governadores para a disputa por uma vaga no Senado, mas muitos dos atuais senadores escolheram o caminho inverso. Jarbas Passarinho (PPR-PA), por exemplo, decidiu tentar a eleição para governador do Pará, onde disputa com o colega de Senado Almir Gabriel (PSDB).

No mesmo caminho estão Mário Covas (PSDB-SP), Antônio Mariz (PMDB-PB), Garibaldi Alves Filho (PMDB-RN), Wilson Martins (PMDB-MS), Albano Franco (PSDB-SE) e Divaldo Suruagy (PMDB-AL), todos favoritos nas pesquisas. Em São Paulo, além da vaga de Covas, está em jogo a deixada pelo candidato à Presidência

Fernando Henrique Cardoso e disputada pelo deputado José Serra (PSDB), pelo ex-superxerife Romeu Tuma (PL) e pela ex-prefeita Luiza Erundina (PT).

Desistências — Outros senadores desistiram da reeleição. Ronan Tito (PMDB-MG) abriu brecha para Virgílio Guimarães (PT) e Francelino Pereira (PFL). Depois de obrigado a renunciar à vaga de vice de Lula por causa de uma série de denúncias, o senador José Paulo Bisol (PSB-RS) amargou o veto a sua indicação para disputar a reeleição e ficou de fora.

A renovação qualitativa do Senado tem sido motivo de comentário até entre deputados. "Tudo indica que o próximo Senado reunirá

os principais formadores de opinião e articuladores políticos dos últimos tempos", opina o deputado Miro Teixeira (PDT-RJ).

Debate — A deputada Benedita da Silva, que lidera as pesquisas no Rio, diz que o novo Senado "promete". "Um número maior de parlamentares progressistas vai obrigar ao debate", espera.

O debate mais esperado é o que poderá acontecer entre os ex-governadores Antônio Carlos Magalhães e Waldir Pires (PSDB), adversários ferrenhos na política baiana. "Espero que os antagonismos regionais não tomem conta do plenário e adiem a discussão de problemas nacionais", teme o ministro Elcio Álvares.